



**GRUPO
MILONGAS**

CONVERSAS INVERSAS

HISTÓRIAS DIVERSAS



Dramaturgia de Bruno Sanchez
Baseado no conto "O Gargalo do Carrão"
de Hans Christian Andersen

Prólogo

O cenário é composto por várias garrafas e algumas formas em "silabário".

(Público entrando e as pessoas estão no palco ouvindo uma música com o violão e com as garrafas, após todas as pessoas entrarem, as alis aumentam o ritmo da música e finalizam com um grande final, passando o aplauso).

ADRIANO – (animado) As pessoas estão aplaudindo.

MATHEUS – (animado) Porque que eles gostaram.

ADRIANO – Tudo bom, mas o aplauso não vem no final da peça?

MATHEUS – Como assim?

ADRIANO – Isso é teatro, as pessoas só aplaudem quando a peça acaba.

MATHEUS – Então eles acabaram com a peça.

ADRIANO (concorda com o colega)

MATHEUS – Poxa! E a gente ainda tinha um monte de coisas pra fazer...

ADRIANO – Não deu nada pra contar a história da Cargalo.

MATHEUS – Mas também é bom quando acaba, né?

ADRIANO – É bom. A gente vai pra casa.

MATHEUS – É, vai pra casa.

(Os dois ficam olhando para o público, esperando que ele saia)

MATHEUS – Eles não estão indo embora.

ADRIANO – Claro, eles vieram para ver uma peça, pra gente contar uma história pra eles, qualquer coisa e a gente não fez nada.

MATHEUS – Mas foram eles que aplaudiram no início. Agora acabou! Podem ir embora...

ADRIANO – Não, não, não! Calma aí... Por que os aplausos não que aconteceu no final da peça?

MATHEUS – Ué! Sempre foi assim.

ADRIANO – (tendo a ideia) Mas não podemos reinventar o começo pelos aplausos?

MATHEUS – (se animando) É... Assim se as pessoas não gostarem da peça, não tem problema porque a gente já recebeu os aplausos no início mesmo!

ADRIANO – Bem hehehe, hein? (se vangloriando da sua ideia)

MATHEUS – Ora, eu tenho ideias... (Pegando a ideia pra si) Mas, se a gente começa pelos aplausos, o que a gente faz depois?

ADRIANO – A gente vai para o final!

MATHEUS – Mas o depois que a gente faz o final? Termina?

ADRIANO – Não, a gente vai pra metade da peça e depois pra início.

MATHEUS – Então a gente vai fazer tudo ao contrário! Que ideia brilhante! (Adriano se orgulha da ideia e blablaa mais uma vez sobre os cristãos) Eu sou um gênio... Mas, porai Adriano... Será que a gente pode fazer isso mesmo? Porque a história não é nossa, é de quem morreu!

ADRIANO – Ou de quem conta e como nós vamos os contadores dessa história e os atores dessa peça, vai ser tudo diferente!

Matheus – “Regras do Jogo”

Para que tudo seja igual

Se o diferente é legal

Não tenho medo de escolher o mais difícil

Vou inventar o que é normal

Vou começar pelo final

E a história aqui termina pelo início

MATHEUS – Será que isso vai dar certo?

ADRIANO – A gente só vai saber ao tentar!

Já penso que divertido

Fazer tudo invertido

Ver o mundo ao avesso

E nessa peça a plágio

Já embureço na nossa história

E o aplauso já acontece no começo

De conto em conto cada um aumenta um ponto (2x)

O ponto final se elimina

E a história nossa, nunca termina

É brincadeira sem fim

Cena 1

(Adriano não consegue a contar a história “O Gargalo do Gargalo”, usando gargalos como personagens)

ADRIANO – Eu sou um, uma gargala que logo após ter sido fabricada...

MATHEUS – O que você está fazendo?

ADRIANO – Ué, to conseguindo a história!

MATHEUS – Por onde?

ADRIANO – Pelo começo, kôpi... Ah... Ah, é, a gente combinou de contar a história ao contrário, né? Então tem que começar pelo final...Ai sei! Vamos dividir a história da Garrafa em 4 partes e a gente conta uma parte de cada vez, só que ao contrário. Entendeu?

MATHEUS – (como se tivesse entendido) Assim? Não! Mas se for divertida ta valendo! Pode começar.

ADRIANO – Bom, o final da história da Garrafa aconteceu quando ela saiu do céu na casa da dona Celeste, que era uma velha solitária.

MATHEUS – Como do céu?

ADRIANO – Na verdade ela foi jogada do céu por um balonista que estava passando por ali em sua balão.

MATHEUS – Ah... já lembrei. E assim que a dona Celeste pegou a garrafa nas mãos, ela chorou, porque emocionosa, vendo as iniciais, aquele objeto que tinha feito parte de um momento muito importante de sua vida.

ADRIANO – E essa garrafa poderia trazer uma resposta para a dona Celeste que ela esperou a vida inteira para saber. E para isso ela vai ter que descobrir tudo e que aconteceu com a garrafa. Mas ela só pode descobrir, buscando a história da garrafa do trás para frente.

MATHEUS – Ela vai descobrir a história da garrafa do trás para frente, assim como nós estamos contando essa história, de trás para frente! Eu sou um gênio!

ADRIANO – (deitando de lado o fato de Mathews ter acabado sua ideia) Então a dona Celeste foi atrás do balonista que havia jogado aquela garrafa do seu balão.

(vítieta de transição)

DONA CELESTE/ADRIANO – Por favor, é aqui que mora o balonista que subiu com seu balão essa semana?

BIRO BIRO/MATHEUS – Sim.

DONA CELESTE/ADRIANO – Eu gostaria de falar com ele. É porque na dia em que vou, ele jogou essa garrafa que caiu em minha casa e eu preciso muito saber onde ele a conseguiu.

BIRO BIRO/MATHEUS – Óhã, não sei se ele vai poder te atender porque naquele dia...

(Transição. Enquanto Mathews toca uma música nas garrafas, Adriano dá algumas voltas já caracterizando de balonista)

BALONISTA/ADRIANO – Sentou-se e sentou-se! Preparem-se para presenciar um momento histórico! Eu, Dr. Anedda e meu ajudante, Biro-Biro, vamos subir para aí cima em um balão e vamos tentar encontrar e trazer inventos e pára-quedas! Nunca mais as pessoas terão medo de voar em balões! Agora, meu intépido ajudante, Biro-Biro, vá vestir o pára-quedas!

(Biro-Biro pula do local, acrobático, enquanto o Balonista vai buscar a mochila)

BIRO BIRO/MATHEUS – Ei!!

BALONISTA/ADRIANO – (fotando a moçada em Bico-Bico) Sim, Bico-Bico! Hoje você vai demonstrar ao mundo toda a minha genialidade!

HERO HERO/MATHEUS – Mas, Seu Anelão, a gente não tá testar o péra-quêdo em um colímbio?

BALONISTA/ADRIANO – Ora, Bico-Bico! Você está pensando pequeno! Um colímbio é algo muito pequeno para um invento dessa magnitude! Sei que é uma surpresa para você, mas pensa só: hoje você estará pulando do péra-quêdo na frente de dezessete pessoas... Mas logo, estarei saltando em Paris! Estarei saltando em Moscou! Estarei saltando em Londres! Vou-me mostrar meu invento para o mundo inteiro e com certeza, ficarei rico... Quero doar, não ficaremos ricos?

HERO HERO/MATHEUS – Ah, que ótimo Seu Anelão, então tá!

BALONISTA/ADRIANO – Muito bem, Bico-Bico! Agora, confirmando: já providenciei a biscoita?

HERO HERO/MATHEUS – M!

BALONISTA/ADRIANO – Verifique os cilindros do gás do balão?

HERO HERO/MATHEUS – M

BALONISTA/ADRIANO – E comprou o meu respirinho na loja de bebidas?

HERO HERO/MATHEUS – (interrogando a garrafa para o balonista) Aqui está!

BALONISTA/ADRIANO – Ótimo, Bico-Bico! Então, agora, faça o teste com o balão para cá! Senhores e senhoras, estou muito emocionado por compartilhar com vocês meu inven... Não, Bico-Bico! É pra lá! Vira mais pra cá...

(Apertam a arena na frente dos capões. Sobem nos capões e fazem o jogo do Bico-Bico acostado.)

BALONISTA/ADRIANO – Não tenha medo, Bico-Bico! Olha quanta gente lá embaixo! Acerte!

(Bico-Bico acerta e acerta o jogo das mãos. Quando Bico-Bico levanta a mão, a plateia aplaude, quando é o balonista, fazem um silêncio.)

BALONISTA/ADRIANO – Chaga de acerto! Vaja! Truquessem variarem! Vaja aquele: “Bico-Bico é o maior!”...Há... E veja aquele outro: “Bico-Bico é compet!”... Ora isso... Ei, aquele lá tem o meu nome! Vamos Bico-Bico, lá é o que representam para mim!

HERO HERO/MATHEUS – “Anelão, paga o suco que me deve!”

BALONISTA/ADRIANO – Há... Deixa pra lá, Bico-Bico... Sabe de uma coisa? Deixa que eu teste meu experimento!

HERO HERO/MATHEUS – Mas, Seu Anelão, o seu peso é diferente de meu! Isso não atrapalha?

BALONISTA/ADRIANO – Detalhes, Bico-Bico, detalhes! Agora, a glória me aguarda! Bebe tudo o suco! Um brinde! À toda a humanidade!!!

(Faz que vai jogar a garrafa. Moçada congela a cena com uma palma, deixa de rir e tenta não guardar a garrafa.)

MATHEUS: E foi assim que a garrafa foi para nas mãos de vocês sobreviventes! Lá está em seu telhado e relata até em memória!

(Folha a cargo) ... e não se pode ir para lá também... e não se pode ir para lá também... e não se pode ir para lá também...

BALONISTA/ADRIANO – Agora, ad logo, mea cura Bira-Bira! Vejo você lá também! Lá vou
ooooooooooooo.....

HERO BIROMATHEUS – Ih... E como eu faço pra descer depois??

(transição)

DONA CELESTE/ADRIANO – Meu filho, eu sei como saber como você se comportava com garrafa.

HERO BIROMATHEUS – Mas a senhora não quer saber como foi a minha iniciativa desceida do balão?

DONA CELESTE/ADRIANO – Não. Mas o o balonista, o que aconteceu?

HERO BIROMATHEUS – Ah... da minha super desceida a senhora não quer saber, né? O balonista, apesar de
estar um pouco quebrado, subscitico, pois está em cima de uma nebulosidade e foi direto para o hospital.

DONA CELESTE/ADRIANO – Ai que bom! Meu filho foi você que comprou o suor para ele... Onde foi, em
qual loja?

HERO BIROMATHEUS – Foi na loja de bebidas do Seu Aníbal!

(cena com música)

Cena 2

(cena com música) ... e não se pode ir para lá também... e não se pode ir para lá também... e não se pode ir para lá também...

(cena de transição)

(cena com música) ... e não se pode ir para lá também... e não se pode ir para lá também... e não se pode ir para lá também...

HERO BIROMATHEUS – Seu Aníbal!

ATALIBA/ADRIANO – Bira Bira! (vai abrigar o violão) Como tá você? Tá esguinhado ainda, hein?

HERO BIROMATHEUS – (mostrando) Aqui meu Aníbal!

ATALIBA/ADRIANO – Bira Bira! Quanto tempo? Como você está?

HERO BIROMATHEUS – Tudo bem, eu vim buscar o suco de Pimpotangatingatanga do seu Aníbal! A gente
vai sair com o balão daqui a meia-hora!

ATALIBA/ADRIANO – Ahhh, é aquele suco que o Aníbal sempre recomendava?

HERO BIROMATHEUS – Issa...

ATALIBA/ADRIANO – É que você tá do outro lado do mundo?

HERO BIROMATHEUS – Issa...

ATALIBA/ADRIANO – É que é uma delícia...

HERO BIROMATHEUS – Delícia...

ATALIBA/ADRIANO – Ahhh, eu não sei onde ele tá não...

HERO BIROMATHEUS – Como não seu Aníbal? O balão vai subir daqui a 30 min... se eu não levar a garrafa
de suco de pimpotangatingatanga pro seu Aníbal ele me arranca o couro...

ATALIBA/ADRIANO – Calma, calma, vamos pensar. Aqui! Fica aqui enquanto eu dou uma olhada por
aqui. (Bira-Bira prova o suco e corre na planta-flores engasgado...) O que foi Bira Bira? Ih, você bebeu o

produto da limpeza que eu uso aqui no meu banheiro... Toma esse aqui, vê se é case... (Beto tira uma, faz como se fosse cuspir na pia-lua, mas acaba gostando)

BERO BERO/MATHEUS – Hum, que delícia sua anilha! O que é isso?

ATALIBA/ADRIANO – Ah é uma bolinha francesa, muito chique, chama-se miço de bode!

BERO BERO/MATHEUS – Miço de bode? Que chique, é o que é?

ATALIBA/ADRIANO – Não de bode... (Beto tira que estava bebendo e coloca na pia-lua)

BERO BERO/MATHEUS – Seu Ataliba, como você me dá isso de bode pra beber? Me dá alguma coisa aí pra eu tirar esse gosto ruim do bode...

ATALIBA/ADRIANO – Toma, toma isso aqui meu filho (coloca do lado da bolinha na boca de Bero Bero. Bero Bero começa a beber e começa a cuspir no chão) Ih, Bero Bero, tá te doí o pescoço? Vem aqui comigo, bebe igual (coloca do lado da bolinha de novo pra Bero Bero. Bero Bero dá pequenos cuspidinhos na pia-lua e depois retorna para o lado da bolinha, onde Ataliba bebe tranquilamente de uma garrafa de uva...) É Bero Bero, parece que dessa vez o seu Anilha tá te que se contentar com outra coisa...

BERO BERO/MATHEUS – É o meu fim...

ATALIBA/ADRIANO – Que é isso meu filho, não se desiste... Toma aqui um pinguintinho dessa uva...

BERO BERO/MATHEUS – Não quero... o seu Anilha não faz não faz nada sem uma uva de pipatatangatungatunga...

ATALIBA/ADRIANO – Calma, toma aqui um pinguintinho dessa uva que vai te ajudar a se acalmar.

BERO BERO/MATHEUS – Não quero mais... pra que? Seu Anilha vai me matar...

ATALIBA – Para de fazer drama Bero Bero e toma logo essa uva...

BERO BERO/MATHEUS – Um beirão à minha existência (Bero Bero experimenta o uva e percebe que é o uva de pipatatangatungatunga) Seu Anilha! É case! É o case de pipatatangatungatunga! Você encontrou!

ATALIBA/ADRIANO – Ah que bom! Sabia que estava por aqui em algum lugar! (Beto se abanana)

BERO BERO/MATHEUS – Agora eu sei que é seu Anilha pois tá quase na hora do bode sair. Depois o seu Anilha te paga! Tcham! (Bero Bero sai. Mathias paga a conta silenciosa)

ATALIBA/ADRIANO – Depois? (Anilha fica resmungando)

CELESTE/MATHEUS – Com licença, foi o senhor que vendeu essa garrafa para o bodeinho?

ATALIBA/ADRIANO – Deixe-me ver! Ah sim, essa garrafa me deu muito trabalho ontem de manhã... Nessa época o tempo estava rápido...

CELESTE/MATHEUS – Essa garrafa marcou um momento muito importante na minha vida... eu preciso saber onde o senhor é encontrado.

ATALIBA/ADRIANO – Éa vido do outro lado do mundo! Do Fantástica Fábrica de Sacos dos Bentes Polvones!

CELESTE/MATHEUS – Do outro lado do mundo?

ATALIBA/ADRIANO – Do outro lado do mundo!

MATHEUS – De outro lado do mundo?
 ADRIANO – De outro lado do mundo!
 MATHEUS – O que eu quero saber é como ela foi para o outro lado do mundo.
 ADRIANO – Isso é o que nós vamos descobrir agora... *(Despedindo o violão e Mathew)*

Musica – “A Jornada de Celeste”

O passado ao vento volta de surpresa
 Quando menos se espera, a destino vem a massa
 Para encender o fim
 Vamos aos poucos pra início da história
 O que houve com a garrafa, qual foi sua trajetória?

Dona Celeste não amarelo
 Limpou suas lágrimas e uma decisão tomou
 Se o outro lado do mundo
 Tem as respostas que vão acalmá-la
 Então é pra lá que vamos, poderíamos malhar!

Vai Celeste... Vai Celeste... VAI CELESTE!!!

No Brasil ela pulou o Camarão
 Escalou uma montanha no Nepal
 Foi naufraga na Espanha e chorou cercado um lado em Portugal

Ela andou de camelô no Egito
 Na Caribe pegou um beizer bonito
 Viajou para a Argentina e dançou o seu tango favorito

Na Índia comou muito macarrão
 Encontrou um carnaval lá no Japão
 Foi safari pela África e teve que fugir de um leão

Na Antártida ela viu um pólar
 Na Inglaterra com a rainha tomou chá
 Foi pra França, Alemanha, China, Austrália, Índia e Madagascar

E, finalmente, sua jornada terminou
 Dona Celeste nunca se desanimou
 E com a garrafa e a esperança do outro lado do mundo ela chegou

Cena 3

(Do outro lado do mundo! Cena toda feita em grêmio. Mathew e Adriano seguem e seguem rotina da movimentação)

-Faltam, vão até as caixas para pagar, juntos com uma cantilinha solitante

-Lá, Adrianovitch tenta pegar com a vara, mas é impedido por Mathusévski que conta e toca violão. Adrianovitch indica que aquele barulho atrapalha pouco. Mathusévski ainda discute um pouco, mas põe de tocar violão. Fica acompanhando. Adrianovitch manda Mathusévski se calar e fica se concentrando em Mathusévski e não percebe que sua vara pegou um peixe. Mathusévski o mostra que ele pegou um peixe. Adrianovitch quase é puxado pra dentro d'água duas vezes. Mathusévski pega a vara e também quase é puxado. Os dois fazem força juntos e conseguem tirar o peixe, que na verdade, é um peixinho minúsculo. Ruidaram do tamanho do peixe. Adrianovitch engole o peixe e começa a engasgar. Mathusévski diz-lhe um tapa e o peixe volta para a água. Discutam por terem perdido o peixe, até que Mathusévski vê a garrafa e a indica para Adrianovitch.

-Primeira piada da "Gorrafá". Adrianovitch tenta pegar a garrafa com a vara e não consegue. Começam a discutir quem vai buscar a garrafa. Primeira briga de tapinhas. Pátem, tiram no pau ou tapam e Adrianovitch perde. Pega o cajon e o usa de prancha.

-Adrianovitch nada até a garrafa, mas Mathusévski o avisa da presença de um tubarão. Mathusévski toca a música do tubarão no violão enquanto Adrianovitch nada desespontadamente até voltar para seu irmão. Os dois estão em pé nos cajons. Percebem que estão com a garrafa. Segunda piada da "Gorrafá".

-Descom dois cajons e os levam para o meio da cena. Colocam a garrafa em cima e o analisam. Finalmente, Adrianovitch pega a garrafa, tira a rolha com a mensagem e joga rolha para trás, mais interessado na garrafa. Mathusévski pega a carta. Piada de desenvolver da carta. Piada da "Massagem".

- Adrianovitch pega a carta e tenta ler. Começa a rir. Mathusévski ri também. Pega a carta e também começa a ler. Mathusévski começa a chorar e Adrianovitch também. Começam a discutir se a carta é engraçada ou triste. Segunda briga de tapinhas. Pátem de brigar. Adrianovitch assume que não entende "niente". Mathusévski dá mais uma olhada na carta e também admite que não entende "niente". Jogam a carta no canto. Terceira piada da "gorrafá". Adrianovitch sai com a garrafa.

(Coloca entra com a garrafa e pergunta ao Mathusévski sobre a garrafa)

CELESTE/ADRIANO – Oi. Sei lá que você não se fabricantes de uco de Piraputatingatingatanga... Encontrei essa garrafa que você vendeu para meu pai... Como conseguiu essa garrafa? Como conseguiu entender? (ele tenta se comunicar até ele entregar a bebida para ela.)

CELESTE/ADRIANO – É uma mensagem do Aguilão.

(violão de trambique)

Cena 4

(Comandante Aguilão entra a garrafa de vinho e Joca bate na porta)

COMANDANTE/ADRIANO – Ah Joca, pode entrar?

JOCA/MATHEUS – Com licença Comandante!

COMANDANTE/ADRIANO – Chegou bem na hora em que vou abrir o vinho que me foi dado pela minha mãe. Vou comemorar nesta volta para casa!

JOCA/MATHEUS – Que ótimo Comandante!

COMANDANTE/ADRIANO – Aqui está, amigo! Um brinde ao nosso retorno!

JOCA/MATHEUS – Ao nosso retorno comandante!

(Joca bebe tudo em um gole)

COMANDANTE/ADRIANO – Mas diga-me Joca, o que tem nas suas aventuras?

JOCA/MATHEUS – Comandante, os vigias observaram uma tempestade em nossa rota.

(Comandante vai até a janela observar enquanto Joca bebe o vinho da caneca do Comandante)

COMANDANTE/ADRIANO – Ora! Não está exagerando. É só uma chuva que se aproxima.

JOCA/MATHEUS – Infam Comandante, venha lá apresentar a mudança da rota proposta pelos marinheiros. Eles sugerem um desvio de 45° a lan-into. Como você pode ver aqui no mapa.

COMANDANTE/ADRIANO – Deixe-me ver. Ah! Mas se fizermos isso acabaremos tornando a rota mais longa. Vamos seguir nossa rota original. Eu quero chegar logo em casa para encontrar o filho.

(Enquanto comandante fala, Joca bebe novamente o conteúdo da seu copo. Ao perceber que o copo está vazio o Comandante estanca mas Joca logo derrota sua intenção)

JOCA/MATHEUS – Ah sim Comandante! O amor é louco! Conte-me mais da sua mãe...

COMANDANTE/ADRIANO – Celeste é a mulher mais bela da minha cidade com certeza. Está sempre sorrindo, ela me deu esse vinho no dia em que eu a perdi em casamento, um dia antes da nossa viagem! Mas e você Joca, não tem ninguém te esperando em Terra?

(Enquanto o Comandante fala de sua mãe, Joca mais uma vez bebe o vinho do seu copo)

JOCA/MATHEUS – Sim? *(o Comandante estanca um copo estar vazio, Joca mais uma vez o abastece)* O sim Comandante, eu sou um pobre miserável! Ninguém me ama, ninguém me quer... *(Ele abraça o comandante e pega a garrafa de vinho pelas suas costas)*

COMANDANTE/ADRIANO – Ora não fique assim Joca. Tenho certeza que em breve você encontrará alguém. Só precisa estar atento, como eu.

JOCA/MATHEUS – Eu sei Comandante! Eu vou ser mais atento. *(Joca bebe o vinho mais interrompido novamente pelo comandante)*

COMANDANTE/ADRIANO – Mas Joca é! Olha sempre atento. Porque a hora logo vai vir a sua mãe, por que sempre estava atento as coisas ao seu redor. *(Joca bebe o vinho e coloca a garrafa de volta no seu lugar)*

JOCA/MATHEUS – Sim senhor Comandante, o senhor é um sábio. Poderia eu ter estado da sua sabedoria... um tempo da sua sabedoria... sim...

COMANDANTE/ADRIANO – Joca! *(interrompendo Joca)*

JOCA/MATHEUS – Sim senhor Comandante.

COMANDANTE/ADRIANO – Alguém bebeu todo meu vinho.

JOCA/MATHEUS – Senhor comandante, alguém levou todo seu vinho... Temos que fazer uma busca para ver que foi o responsável por isso... *(Sarcasmo e platéia)*

COMANDANTE/ADRIANO – Não se faça de desentendido, cara aí!

(Comandante persegue Joca, que consegue escapar duas vezes mas na terceira é pego e estrangulado. No momento em que o comandante vai bater em Joca, Joca vê a imperatriz. O amor reproduz em si um da tempestade enquanto falam)

ADRIANO – O navio afundou e levou consigo toda a tripulação.

MATHEUS – No último instante o jovem comandante escreve em uma folha de papel.

COMANDANTE/ADRIANO – Estamos naufragando!”

MATHEUS – Escreveu mais algumas palavras de amor a sua noiva, então, colocou o bilhete na garrafa vazia, enfiou-a e a arremessou ao mar em fúria. E agora a garrafa ia balançando nas ondas, carregando dentro de si a mensagem de despedida e a notícia fatal.

(A imperatriz – Qual a mensagem?)

COMANDANTE – Amor...

(A imperatriz – Nunca disse a você)

(Transição – música na guitarra)

MATHEUS – Ao ler a carta, Dona Celeste se lembra da última vez em que esteve com o seu noivo.

Comandante: Aquilão!

COMANDANTE/ADRIANO – Então querida, gostou da música?

DONA CELESTE/MATHEUS – É linda! Veja, eu lhe trouxe um presente para que você leve na sua próxima viagem como Comandante, e possa se lembrar de mim.

COMANDANTE/ADRIANO – Oh obrigada querida! Veja que ela tem até as minhas iniciais. E agora, eu quero lhe fazer um pedido. Quer casar comigo?

DONA CELESTE/MATHEUS – Oh, Aquilão! Sim, eu aceito!

COMANDANTE/ADRIANO – Rapazanci dentro de um ano, o casito nos casaremos.

DONA CELESTE/MATHEUS – Esperarei o tempo que for necessário!

(O Comandante/Adriano pega a honca da Felha solteirona e leva-a consigo)

MATHEUS – Nossa, que dizer que a Dona Celeste deu a garrafa de presente pra noivo que levou para o navio e antes de naufragar ele escreveu uma mensagem pra ela e botou na garrafa, que foi parar do outro lado de mundo na biblioteca de meu dos irmãos Polivitors, que expostaram para a loja de bebidas de seu Análita que vendeu para o Balonista que a jogou de cima do telhado e ela foi parar justamente na casa da Dona Celeste que ficou esperando pelo noivo dela esse tempo todo... Que história mais triste...

ADRIANO – Foi assim que o autor terminou a história, com o “Felizes para sempre”.

(A imperatriz – Não me diga que não é uma história triste)

(A imperatriz – Não me diga que não é uma história triste)

Cena 8

- MATHEUS – Não sei! Algumas invenções a aplauso por gente ter certeza que a peça acabou!
- Assim como a frase “E viveram felizes para sempre!” termina os contos de fadas.
- ADRIANO – É verdade! Mas quem garante que as histórias terminam?
- MATHEUS – Ah! Porque que eu fui falar? Lá vem mais confusão.
- ADRIANO – É, quem garante que elas não continuam de alguma forma, mesmo depois do “felizes para sempre?”
- MATHEUS – Ah...
- ADRIANO – Assim como as peças não precisam acabar com os aplausos, as histórias podem continuar.
- MATHEUS – Humm... Eu sempre desconfiei que o “felizes para sempre” era mentira. Como pode o Príncipe Encantado estar em todos os contos de fadas? Absurdo... Agora eu entendi tudo!
- ADRIANO – Eu não sei como começa, mas como não não começaram pelo começo das histórias mesmo... Um dia a última filha do Rei...
- MATHEUS – Qual é nome dela?
- ADRIANO – Princesa.
- MATHEUS – Princesa não é nome.
- ADRIANO – Adalgunda.
- MATHEUS – O que?
- ADRIANO – Adalgunda.
- MATHEUS – Você inventou esse nome.
- ADRIANO – E você vai ser a Adalgunda.
- MATHEUS – Ah não.
- ADRIANO – Ah sim.
- MATHEUS – Ah não.
- ADRIANO – Ah sim.
- MATHEUS – Ah não sou não.
- ADRIANO – VAI
- MATHEUS – Tá bom...
- ADRIANO – Um dia a Adalgunda estava brincando com sua bola de ouro no bosque, na beira de um lago.
- MATHEUS (fazendo a princesa) – Ah, a minha bola caiu no lago. (joga a bola com força)
- ADRIANO – (Indulgindo a atriz) A princesinha ficou desapontada. Tinha perdido a sua brincadeira preferida! Sentou-se na margem do riacho e começou a chorar.
- MATHEUS (fazendo a princesa) – Caridade da mãe! Perdi a minha bolinha. Quem poderá ajudar-me a encontrá-la?
- ADRIANO (fazendo um sapo) – Eu posso te ajudar! – disse um sapo.
- MATHEUS – Um sapo muito feio, e gordo como uma boia enorme e um narizão.

ADRIANO – Vou mergulhar para procurar a tua bolinha, mas antes vais ter que prometer que vai me retribuir na tua casa. Vais ter de me deixar comer na tua prato e dormir na tua cama o, de manhã, vai me dar um beijinho.

MATHEUS – Mas nem que a vida meia! *(Adriano volta atrás – Adriano volta a fazer a princesa)* Tudo bem, se você me ajudar eu faço o que você quiser!

ADRIANO – O sapo salta para a água e pouco tempo depois aparece com a bolinha de ouro na boca.

MATHEUS – A Princesa pegou a bolinha e vai correndo para casa. *(risada)*

ADRIANO – Naquela noite, porém, enquanto estava juntando com seu pai, o Rei, ouviu alguém bater à porta.

MATHEUS – Mentira!

ADRIANO *(fazendo o sapo)* – Abre a porta, Princesa. Lembra da tua promessa! *(surpresa)* E o Rei quis saber o que estava acontecendo.

MATHEUS – A Princesa contou o que tinha acontecido.

ADRIANO *(como Rei)* – Se fosse uma princesa – disse o rei – deverias cumpri-la!

MATHEUS – Foi assim que o sapo-concha no prato da princesa e dormiu na sua cama. E de manhã...

ADRIANO *(fazendo o sapo)* – Agora quero um beijinho, agora quero um beijinho!

MATHEUS – A princesa resolveu-se da coragem. Fechou os olhos, tapou o nariz e, enfiando os lábios o mais que podia, deu um beijinho no sapo. *(coloca alguma coisa nojenta para o Adriano beijar)*

ADRIANO – Quando a Princesa abriu os olhos, em vez do sapo, estava um belo príncipe. *(fazendo o Príncipe, de joelhos)* – Uma bruxa me lançou-me um feitiço e só a beijo de uma princesa podia me salvar. *(surpresa)* Feliz como nunca, a princesa o abraçou e, um dia depois, casaram.

MATHEUS – Mas na primeira noite de lua cheia o Príncipe descobriu que a Princesa, por ser a filha número 7, vivia sobrenatural e quase foi comido por ela.

ADRIANO – Mas conseguiu fugir com um cavaleiro honesto. Entrou em uma floresta para se esconder e encontrou um anãozinho desesperado, procurando ajuda. Muito expertamente o Príncipe disse que ele estava lá para isso. O anãozinho, que tinha um pouco, levou o Príncipe até uma mulher muito bonita que estava dormindo com uma raposa nos olhos e com mais seis anões a sua volta. Deu-lhe um beijo e ela acordou. Os dois se casaram e viveram felizes...

MATHEUS – Um dia duas semanas, no máximo. Porque ele não aguentou mais viver com sete anões.

ADRIANO – Então ele fugiu novamente. Foi quando ele encontrou um reino que tinha uma bela princesa adormecida e logo foi se certificando se ela era filha única e se ela tinha algum amigo anão.

MATHEUS – Pode ficar tranquilo que a havia lá longe.

ADRIANO – Então o Príncipe beijou a princesa que logo acordou. E os dois viveram...

MATHEUS – Feliz para...

ADRIANO – Nem pensar! Vão já para o pai pensar no tempo da festa dormindo? Ela acordou com um bafo que não deve ter aguentado! Fugiu novamente.

MATHEUS – (assumindo a função de ser príncipe) Bem, depois de tanto procurar, eu até acho outros, mas como acabou sendo outros problemas como pagar muito pouco, ficar chateado a polir, etc, etc, etc... Mandou fazer uma festa para encontrar uma princesa para etc. E na festa ele encontrou a princesa mais linda de todas as histórias.

ADRIANO – Na que ela fugia antes de mais nada. (sibichando)

MATHEUS – Mas ela deixou um sapato e ele conseguiu encontrá-la e eles viveram muito felizes...

ADRIANO – Um bem longe do outro. A princesa era linda, mas tinha um chulé, que nem se ele ainda fosse sapo-de-lá-água...

MATHEUS – Bem, depois disseram que ele desistiu de procurar princesa e acabou virando alucinado. “Tome-me um filé...”.

ADRIANO – Que nada, disseram que ele virou homossexual e criou um filho da madrinha.

MATHEUS – Não, não, não... Ele foi para as artífices e se juntou com outros 39 infelizes!

ADRIANO – Não! Ele virou capadot, salvou uma velhinha e casou com a neta dela.

MATHEUS – Olha que isso dá cadeia... Devido-que ele ia casar momental! Ele virou foi desparado do Azaf!

ADRIANO – (sem acreditar no que ouvia, depois de um tempo) Ele virou escritor e escreveu uma história, só que melhorando todas as finais.

MATHEUS – Então foi ele que criou o “E viveram felizes para sempre?”. Eu sempre descobri tudo! Eu sou um gênio!

ADRIANO – Tá bom, Matheus, tá bom... Parabéns, virá! M rei...

MATHEUS – O quê?

ADRIANO – Olha aí, eu vou dar a ideia que EU tive!

MATHEUS – (sem cura de quem não-entende) Tá bom.

ADRIANO – Nós vamos fazer igual ao príncipe e inventar um final feliz para a história da Dona Celso!

MATHEUS – Vamos criar um “Felizes para sempre” para a Dona Celso! E sou um gl... (Adriano começa a rir loucamente). Você é um gênio! (páso para a plateia)

Cena 7

ADRIANO – Bem, como muitas coisas podem ser acontecidas, vou lá da plateia vir nos ajudar.

MATHEUS – Vamos fazer um jogo de improvisação!

ADRIANO – Você vai inventar tudo!

(os membros podem virar para a plateia de finais felizes e improvisarem uma música)

MATHEUS (trocando o final improvisando) – Nossa, muito bom! Tá mesmo tá ver essa ideia. E olha que eu sempre tenho as melhores ideias.

Cena II

[Entram os dois.]

ADRIANO – Aíste que agora quem tem um problema sério somos nós.

MATTHEUS – Por quê?

ADRIANO – Porque a nossa história já foi contada de tras pra frente, viramos um final feliz e acho que chegamos ao início da nossa poça.

MATTHEUS – É o que a gente fez?

ADRIANO – Ah mas não é você que sempre tem as ideias geniais? Agora resolve.

MATTHEUS – Vamos continuar aqui para sempre, contando histórias.

ADRIANO – Mas a história das pessoas precisa continuar lá fora.

MATTHEUS – Primeiro elas não querem ir embora, agora não querem ficar? [para o público] Você não muito complicado? Ou vou ficar aqui tocando música?

ADRIANO – É isso! Falta a música do início! Ué, deis, deis e já!

[Entram os dois. Um toca um violão e o outro canta para o público.]

Musica – “Conversas Inversas”

[Entram os dois.]

[Entram os dois.]

É tanta história que não se conta
 Lá, veja o mundo e fico tanto
 Tudo e todos têm um passado,
 Um fato, um “como” a ser contado
 É o que fascina:
 Nada termina,
 As histórias sempre vão continuar

Muitas coisas nesse mundo se vê,
 Príncipe, princesa e Sói,
 Mãe Sem Cabeça, Caipora...
 Tudo vem da minha cabeça
 Mil aventuras,
 Heróis e cristãos
 O que eu gosto mesmo é de brincar

Viver é momento,
 Sua história é o momento
 Vá quando pra lá

Sem sair da sua raiz.

Tudo é possível

E é tão merico!

O mundo tá aí pra gente inventar

Conhecemos invenções para discutir

Histórias diversas para contar (BIS)

No mundo das coisas vamos seguir

E quem quiser pode nos acompanhar!

(gêmeos aplaudindo a música)

ADRIANO – (animado) As pessoas estão aplaudindo.

MATHEUS – (animado) Porque que elas gostaram.

ADRIANO – Tudo bem, mas o aplauso não vem no início da peça?

MATHEUS – Então nós vamos ter que recomeçar!

(S E D O S – NNNNNNNNNNN)

(BLACK-OUT)

Fim ou não.